

FORMAÇÃO ACADÊMICA ENQUANTO INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS DA ROÇA

ACADEMIC EDUCATION AS AN EMPOWERMENT INSTRUMENT FOR BLACK WOMEN FROM RURAL AREAS

Pedro Paulo Souza Rios.¹

Joseane Silva.²

RESUMO

O presente estudo é resultado da análise de narrativas das trajetórias de vida e formação acadêmica de mulheres negras da roça que vislumbraram a educação superior como um instrumento potencializador para uma ascensão intelectual e o empoderamento. Por meio de uma abordagem qualitativa as narrativas autobiográficas enquanto instrumento de pesquisa cresceram nos últimos anos, tendo em vista a importância de falar de si, das histórias dos sujeitos enquanto elemento de formação. Para tanto foi utilizado autores que discorrem sobre o tema para dar embasamento à pesquisa: Paulo Freire (1996); Bell Hooks (2017); Djamila Ribeiro (2019); Conceição Evaristo (2015), dentre outros autores/as. Tendo como colaboradoras da pesquisa estudantes dos cursos de graduação do Campus VII da UNEB de Senhor do Bonfim, sendo três colaboradoras do curso de pedagogia e uma do curso de biologia. A partir desse estudo foi perceptível que a educação superior é uma importante ferramenta para que estas mulheres que já foram privadas de tantos direitos ao longo da história possam a vir buscar visibilidade e a ocupar espaços na sociedade como também a construção do empoderamento a partir do momento que adentram na universidade pública.

Palavras-chaves: Trajetórias de vida; Formação acadêmica; Empoderamento.

ABSTRACT

This study analyzes the life stories and educational journeys of black women from rural areas who saw higher education as a means to achieve intellectual growth and empowerment. Autobiographical narratives were used as a qualitative research tool that has been increasingly used in recent years, based on the importance of talking about oneself - about the history of study subjects in shaping one's identity. The study drew upon the works of

¹ Doutor e Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. e-mail: peudesouza@yahoo.com.br.

² Graduada em Pedagogia com especialização em Educação Infantil. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. e-mail: joseaneneto24@gmail.com.

authors such as Paulo Freire, Hooks, Ribeiro, and Evaristo to support its findings. The research was conducted in collaboration with students from the pedagogy and biology courses at Campus VII of UNEB in Senhor do Bonfim. The study revealed that higher education is a critical tool for women who have historically been denied opportunities to secure their rights and visibility in society. It is a means for them to claim their space and create a sense of empowerment, starting with their entrance into public universities

Keywords: *Life trajectories; Academic education; Empowerment.*

SOBRE-VIVÊNCIAS: PRIMEIRAS PALAVRAS

*A voz de minha filha
recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
Conceição Evaristo (2017)*

Sobre-viver em uma sociedade que ainda traz em seu bojo os resquícios da era colonial, onde prevaleciam/prevalecem valores calcados no machismo, na misoginia e na desigualdade de gênero, raça, território e classe social é, sem sombras de dúvidas, um desafio permanente, especialmente para categorias sociais, que tem sido historicamente silenciadas. Por isso, a escrita deste texto emerge das experiências vivenciadas por mim desde a mais tenra idade, enquanto menina-mulher, negra, nascida e criada na roça.

Discorrer sobre ser mulher, negra, da roça, pressupõe uma escrita sobre-vivências, atravessadas por silenciamentos a nós impostos, pelas vozes recolhidas e engolidas por nossas ancestralidades, que me inquietam, provocando a escrita dessas sobre-vivências, com o intuito de que a mesma possa ressoar “na voz de minha filha” enquanto um “eco de vida-liberdade” (EVARISTO, 2017).

Estou classificando de sobre-viver a capacidade de romper as situações, tanto de ordem social, quanto de ordem subjetiva mais adversas que a vida pode nos reservar. Transcendendo o individual e exteriorizando as experiências experimentadas, sobretudo quando esta realidade se entrecruza com as histórias de outros sujeitos sociais. Quando apenas

acreditar que se pode mudar a ordem social do silenciamento é possível e fugir das estatísticas pré-estabelecidas se faz necessário. Bell Hooks em *Ensinando a Transgredir* (2017), ao escrever sobre suas vivências, enquanto mulher negra, descreve sobre a necessidade que temos de repensar a maneira como as meninas negras são educadas a obediência.

O falar das minhas trajetórias me leva a refletir sobre fatos passados, presentes e a discorrer sobre a realidade que pode ser mudada, considerando que toda ela é marcada pela dura realidade do silenciamento e do encarceramento, falo aqui de aprisionamento familiar, realidade comum a muitas de nós mulheres desde a infância, particularmente as pobres, negras a quem tem sido relegado o espaço privado, considerado como sendo o único espaço social atribuído às mulheres, para o desenvolvimento de trabalhos domésticos e braçais (LOURO, 2014; RIOS, 2016), como por exemplo o plantio de roças, cuidado dos/as filhos/as, da casa, entre outros.

Sobreviver em uma sociedade que ainda hoje compreende que as mulheres devem permanecer no papel de subserviência requer lutas diárias, onde o momento de sobreviver é antes de tudo momento de poder. É na luta no, e pelo viver, cotidiano que se dissipam as fragilidades e dependências de mulheres rurais (CANETTI, 1995), aqui mais precisamente as mulheres da comunidade de Baixio, com as quais partilho minha ancestralidade e história de vida e de luta. O desafio de sobre-viver, para muitas de nós mulheres negras, têm sido uma luta travada diariamente, que escapam do campo das meras representações e simbologias, gravando nas nossas memórias individuais e coletivas as diversas táticas de luta, ao tempo em que buscamos romper o invólucro do sofrimento, que recai historicamente sobre nossos corpos-memórias.

A aproximação com mulheres que viviam em outras comunidades, mas que de alguma maneira tinham histórias que se aproximavam da minha e levou a compreender a importância da educação enquanto processo de libertação, como diz Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2005), ou de empoderamento feminino de acordo com Bell Hooks em *Ensinando a Transgredir* (2017). É importante dizer que a vontade e o desejo de estudar foi sendo cultivado a passos lentos, inseguros e não livres de medos, desde a Educação Infantil, cursado em uma escola localizada no perímetro rural, onde era invisível perante todos/as aqueles/as

que constituíam a comunidade escolar, o descrédito atribuído a todos/as nós, não esperavam que chegássemos muito longe, melhor, que chegássemos a lugar algum.

Ingressar na universidade, mesmo que muito desejado, foi estarrecedor. Um caminho construído entre medos, angústias e um desejo enorme de mudar de vida. É possível que tais sentimentos estejam calcados na reflexão de Paulo Freire (2005), quando pontua que as universidades brasileiras historicamente têm sido elitistas e distantes da realidade, divergindo do meu desejo de mudar minha realidade e, conseqüentemente, a realidade daqueles/as ao meu redor. Seria essa mais uma barreira social a ser superada.

Pensar criticamente a minha própria realidade só foi possível a partir do ingresso em uma universidade pública. Cada vivência universitária era um medo a ser superado, um desafio a ser encarado, não isento de erros, mas acima de tudo acompanhado por um desejo de acertar, de aprender coisas novas, de problematizar o conhecimento socializado nos mais distintos espaços proporcionados durante a formação. A formação acadêmica me fez compreender o que é lugar de fala e qual o meu lugar de fala enquanto mulher, negra, da roça.

Considerando tais pressupostos, entendemos que elucidar as trajetórias das mulheres, especialmente das mulheres negras, da roça, que assim como eu, conseguiram burlar o sistema patriarcal machista normativo e ingressar na universidade, rompendo um ciclo de exclusão e silenciamento e partir reescrever suas/nossas vivências, se constitui enquanto possibilidade concreta de pensar em processos pedagógicos transgressores, por meio dos quais nós mulheres nos reinventamos. Nesse sentido, quando escrevo sobre mim levo comigo a história de tantas outras mulheres negras da roça universitárias que vislumbramos por meio da educação uma nova história, na qual as mulheres, todas nós, sejamos respeitadas em nosso direito de sermos mulheres em nossas multiplicidades.

Diante disso esta pesquisa tem por objetivo analisar as trajetórias de vida e formação acadêmica de mulheres negras do campo que enquanto sujeitos sociais foram ao longo da história excluídas e silenciadas.

1. ESTRATÉGIAS DA PESQUISA: METODOLOGIA

*Ninguém caminha
sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar.*
Paulo Freire (1997)

Uma das primeiras lições a serem instruídas pelas pessoas adultas a quem nasce na roça é o de como saber a direção certa a ser seguida. Nós mulheres, que nascemos no perímetro rural, aprendemos desde muito cedo a importância de escolher caminhos e veredas os mais assertivos possíveis para não se perder. A escolha do caminho para chegarmos ao lugar que desejamos tem a ver com a maneira como fomos educadas.

Algumas de nós escolhemos caminhos mais longos, outras buscam atalhos, mas o fato é que todas precisamos ter claro qual o objetivo a ser alcançado, para só então fazermos nossas escolhas. No entanto, conforme sinaliza Paulo Freire (1997), aprendemos sobre o caminhar caminhando.

O processo de escrita acadêmica, também requer isso de nós: a escolha mais assertiva para alcançarmos os objetivos traçados durante a pesquisa. Nesse sentido, entendemos que no processo de análise das histórias de mulheres negras rurais a partir de suas trajetórias universitárias, a pesquisa por meio de uma abordagem qualitativa é a que melhor direciona os caminhos a serem trilhados, uma vez que essa metodologia requer uma escuta atenta e sensível ao entrevistado. De acordo com Menga Lüdke e Marli André (2013), a pesquisa qualitativa nos possibilita perceber questões que dizem respeito tanto às questões objetivas, quanto subjetivas dos sujeitos entrevistados.

Quanto ao método entendemos que a autobiografia tem sido utilizada com grande recorrência em pesquisas qualitativas se constituindo enquanto instrumento potencializador na formação dos sujeitos permitindo que se faça uma reflexão das trajetórias e histórias de si. Diante disso, Adriely Cruz (2022, p. 40) ressalta que “esse olhar para si e avaliar- se colabora no processo formativo de ressignificar o que foi vivido”.

As narrativas enquanto instrumento de coleta de dados parte das histórias dos sujeitos permitindo que o/a narrador/a conte de forma espontânea e com mais liberdade a sua trajetória. Por meio das narrativas autobiográficas o/a narrador/a ao narrar sua própria história faz uma reflexão sobre suas vivências e sua trajetória de vida, fazendo uma reflexão de sua realidade e onde suas vozes podem ser ouvidas. Jane Rios (2022, p. 41), ressalta que o método narrativo (auto) biográfico possibilita àquele/a que narra a possibilidade de produzir-se novamente “uma vez que o ato de narrar favorece a reflexão sobre os momentos vivenciados e sobre suas próprias trajetórias, criando um ambiente de mudança através de sua própria reflexão”. Assim, o ato de narrar nos possibilita reconstruir e ressignificar algo já vivido.

As colaboradoras da pesquisa foram escolhidas por terem uma realidade, uma trajetória de vida e acadêmica que se assemelham, sendo mulheres, negras e da roça, graduandas de cursos de licenciatura da Universidade do Estado da Bahia, Campus VII, situada no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru. Mulheres oriundas do perímetro rural que viram na educação uma ascensão intelectual e que se empoderaram a partir do momento que adentraram na universidade pública. A Universidade Estadual da Bahia – UNEB, enquanto espaço de formação se constitui como espaço onde acontece a construção de saberes, identidades e experiências subjetivas de vida (RIOS, 2022, p.43)

Para o desenvolvimento da pesquisa foi feito o convite para quatro colaboradoras estudantes dos cursos de graduação do Campus VII da UNEB. Diante disso faz-se necessário trazer uma breve apresentação das colaboradoras da pesquisa.

Joice, estudante do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, tem 25 anos e mora na comunidade de Baixio, perímetro rural de Campo Formoso – Bahia, tendo que se deslocar todos os dias da sua comunidade para chegar até a universidade. Joice aborda que toda a sua educação foi em escolas públicas, sendo um processo muito difícil, “pois quem tem seu processo educativo em instituições públicas sempre passa por alguns perrengues” (JOICE, 2022). Entende-se com essa fala que a mesma sempre enfrentou dificuldades durante toda a sua formação, mas que nunca desistiu de estudar até ingressar na universidade pública.

Josilma tem 24 anos, mora no povoado de Lagoa do Pastoreador perímetro rural do município de Campo Formoso. Está cursando o oitavo semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Durante a entrevista ela relata que ao concluir o Ensino Médio “sai com muita vontade de continuar estudando, mas não sabia qual caminho seguir. Então eu disse vou fazer vários cursos” (JOSILMA, 2022). Em sua narrativa fica notório que a colaboradora sempre teve o desejo de buscar mais conhecimentos e a educação era o caminho a ser seguido, mesmo que ela não soubesse por onde andar posteriormente decidindo ingressar na universidade pública, o caminho na maioria das vezes para aqueles/as que vem de uma família menos abastada financeiramente da sociedade, mas que historicamente nos tem sido negado.

Laíse tem 30 anos e mora na localidade de Pedra Vermelha, situada na divisa da cidade de Jaguarari e Andorinha. É Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, mestranda do programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, da UNEB, Campus III em Juazeiro- BA. Tem especialização em Educação Infantil e ludopedagogia. Ao se apresentar Laíse fala com exaltação a alegria que é poder morar na roça, como a mesma aborda ao falar sobre onde mora:

Sou da roça, sempre morei na roça. Eu gosto de usar a palavra roça, que é como me identifico, sempre fui conhecida como menina da roça, então eu me identifico assim, como a da roça mesmo e entre essa trajetória entre universidade eu fico um pouco na cidade, mas não deixo de ser a menina da roça, sempre estou na roça, então eu me considero essa pessoa. (LAÍSE, 2022)

Diante desse argumento, percebe-se que o ser da roça para a colaboradora se constitui como um elemento que engrandece toda a sua trajetória, e não como um elemento de inferioridade, denominação dada por muitos sujeitos para inferiorizar aqueles que vieram de regiões camponesas e que buscaram ocupar os espaços que ao longo da história foram negados. As vozes que foram silenciadas e que buscaram o direito de falar de si.

Camila tem 29 anos, é estudante do quinto semestre de pedagogia, mora no povoado de Lages, perímetro rural do município de Senhor do Bonfim. Ela traz em sua fala algo que chama a atenção, e que a educação básica muitas vezes instiga os/as alunos/as a seguirem esse caminho. “Eu terminei o ensino médio ali por volta de dois mil e dez, depois que eu

terminei meu foco central era trabalhar por que a gente vinha ali da zona rural a gente cresce muito é na ordem de que a gente nasce, cresce, estuda e depois dos estudos a gente tem que trabalhar, formar família e tal” (CAMILA, 2022).

Para a sociedade brasileira os elementos acima citados são os que vêm a ser destinado para aqueles/as que têm sua origem das regiões camponesas que não podem ir além, mas que assim como outros chegaram longe as colaboradoras dizem que se pode fazer uma transgressão, sendo o caminho da educação o mecanismo para que isso venha a ocorrer.

2. TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS: “VAMOS FALAR DE NÓS, A PARTIR DE NÓS E CHEGAR NO/A OUTRO/A”

*O falar não se restringe
ao ato de emitir palavras,
mas de poder existir.*
Djamila Ribeiro (2019)

26

A escrita sobre-vivências de mulheres negras da roça, que desde a mais tenra idade foram silenciadas requer uma transgressão, rompendo o ciclo das exclusões e do silenciamento que a nós mulheres, negras e da roça foram impostos. Refiro-me aqui ao termo roça por ser o que melhor se adequa às minhas discussões, como demarcação de território, fortalecimento da identidade e pertencimento, enquanto lugar simbólico das nossas sobre-vivências.

Hoje, mais do que nunca, entendemos ser necessário evidenciar as histórias e narrativas de mulheres negras, nossas ancestrais, que ao longo da história foram invisibilizadas. Assegurar que nossas sobre-vivências sejam problematizadas por meio das nossas narrativas, pressupõe necessariamente garantir que as gerações futuras de meninas-negras, especialmente aquelas que assim como nós, nos constituímos mulheres a partir da roça, sejam respeitadas no direito de serem mulheres-negras. Nessa perspectiva, corroboramos com Djamila Ribeiro (2019), quando afirma que o falar não pressupõe

meramente na emissão de palavras, para nós mulheres-negras falar é antes o ato de nos constituirmos, de nos fazermos, de existirmos.

Ser da roça traz junto a nossos corpos e em nossas memórias as marcas do preconceito sofrido por estar e se constitui a partir desse espaço territorial, para muitos/as pessoas da roça não podem chegar muito longe. Galgar sonhos que não estejam dentro dos limites simbólicos historicamente atribuídos aos sujeitos da roça. As colaboradoras trazem em suas narrativas alguns momentos vivenciados sobre o que é ser da roça, e com traços muito fortes das ancestralidades africanas, conforme podemos constatar no fragmento narrativo de Camila (2002):

A gente sofria muito bullying porque a gente era da roça, porque a gente não tinha condições, a gente não se arrumava, meu cabelo era feio, chegou nisso, meu cabelo era bem armado, cacheado e aí eu sofri muito preconceito, eu era negra e naquele percurso ali eu quis alisar meu cabelo de qualquer forma até destruir ele mesmo. (CAMILA, 2022)

No excerto acima é perceptível que o preconceito se dava pelo fato de Camila ser da roça e também por ser negra, sendo atribuídos pela sociedade como elementos que nos classificavam como sendo inferiores. Diante de tais situações o que poderia ser feito era tentar se enquadrar dentro dos padrões tidos como bonitos e normais. Nesse sentido, Jane Rios (2008, p. 22), ressalta que:

Para muitos alunos e alunas – inclusive para alguns oriundos da roça - ser da roça significa ser inferior, ignorante, ser de outro grupo, possuir outra linguagem e, acima de tudo, ser diferente, sendo esta semiótica da diferença construída negativamente por meio da exclusão e da marginalização, fruto de todo um processo histórico construído também pela própria instituição escolar. (RIOS, 2008, p. 22)

Sair da roça, sendo esse considerado enquanto território de construção das nossas identidades, para ocupar outros territórios não é uma tarefa fácil. Requer um processo de padronização, fazer o que “os/as outros/as” fazem para sermos aceitos/as, com o intuito de sair desse lugar de marginalização e exclusão atribuído como sendo o lugar daqueles/as que fogem às normas sociais.

Nesse sentido, torna-se necessário falar de si, de nós, enquanto categoria social: mulheres-negras da roça, enquanto um elemento que nos constitui, sendo essa uma forma de rompimento de barreiras e de opressões imposto a nós mulheres-negras e ao fazer isso estaremos rompendo com os sistemas de dominação, a partir de nós mesmas.

Fomos sendo educadas e, nos acostumamos a ouvir apenas as histórias de outros coletivos, de outras pessoas, na maioria das vezes com uma realidade bem distante da nossa: mulheres, negras, da roça, onde o ser branco/a e tudo o mais que o/a constitui é o correto, belo, interessante, se configurando, portanto, como exemplo a ser seguido. Nesse sentido, entendemos que essa escrita nasce do desejo de forjar outras maneiras de sermos, “Pois, nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder” (HOOKS, 2017, p. 46). A sociedade molda constantemente o nosso pensamento levando a nos colocarmos em lugares de subalternidade e conforme ressaltou Laíse (2022), em sua narrativa, sobretudo:

De negar o nosso ser, o nosso saber, o nosso lugar e o nosso território e até a gente mesma, então eu vejo isso e hoje eu busco desconstruir essa educação descontextualizada. A gente tá na roça? Tá! Vamos falar de nós a partir de nós e chegar no outro/a. Então na época que eu tive minha educação, na educação básica, isso não acontecia, era falar do outro/a, falar do Sul era mais interessante e não é assim, temos que falar de nós pra chegar em outros lugares, em outros saberes, em outras pessoas. (LAÍSE, 2022)

Durante muito tempo, e tais resquícios são perceptíveis ainda na atualidade, ao sermos “ensinados/as a ser alguém” por meio dos processos educativos escolares, éramos ensinados/as a esquecer quem éramos, por meio de uma educação descontextualizada, que nada, ou pouco, dizia sobre nossa cultura, nosso universo simbólico, nossas subjetivações enquanto sujeitos da roça, mulheres e negras. Escrever sobre essas sobre-vivências é, portanto, uma convocatória, para a partir das nossas histórias, nossos saberes, nosso lugar, chegarmos a outras pessoas, outros lugares, nos debruçarmos sobre outras histórias num processo simbiótico de reconstrução de saberes, partindo daquilo que nos ensina Paulo Freire (1996), quando afirma que não há saberes mais importantes e saberes menos importantes, mas saberes diferentes.

Sendo assim, se torna imprescindível romper essas barreiras de opressão e passarmos a falar sobre nossas vivências e experiências, mesmo que em alguns momentos estas lembranças nos levem a refletir sobre traumas, preconceitos e lutas que nos levaram a nos tornarmos as pessoas que somos hoje. Laíse (2022), durante sua fala relata sobre a sua dificuldade em falar de si, ressalta ela:

Falar da gente muitas vezes é dolorido! Só que é bem melhor, é o correto! Tanto nos ensinaram falar dos outros que quando vamos falar de nós é difícil. É difícil se posicionar enquanto gente, enquanto da roça, enquanto estudante da escola pública, da universidade pública, mas a gente tem que aprender! (LAÍSE, 2022)

O fragmento narrativo de Laíse é, inevitavelmente um convite a fazermos uma análise ainda que breve da nossa formação, especialmente a formação escolar, onde fomos/somos educados/as a falar sobre o/a outro/a, sua cultura, seus sonhos e aspirações, mas nunca sobre nós, principalmente quando esse nós, tem o recorte de raça, gênero, território, classe dentre outros.

Com isso, a partir do momento em que passamos a refletir criticamente sobre nós mesmos/as, sobre nossas vivências e identidades entendemos as opressões que ao longo da história as mulheres negras, da roça e, sobretudo de uma classe menos favorecida passamos para chegar onde estamos. Se aproximar de tais sobre-vivências exige que nos coloquemos num lugar de reivindicação de nossos direitos, de ocupação de espaços na sociedade que por muito tempo nos foram negados (HOOKS, 2019). Ser mulher-negra e da roça e aprender a se posicionar, a fazer valer o nosso lugar de fala (RIBEIRO, 2019), não é tarefa fácil, mas conforme sinalizou Laíse em sua narrativa: “A gente tem que aprender”.

Nesse sentindo, a necessidade de se construir conhecimento a partir das trajetórias de vida das mulheres do campo nos coloca em um lugar de visibilidade, partindo desse lugar de fala de mulheres-negras e da roça, entendo essa escrita enquanto esse processo de aprender, de tremer quando levantar a mão para falar em espaços coletivos, de não ter as ideias tão claras para serem socializadas, mas acima de tudo falar, de não se deixar paralisar pelo medo. Falar sobre nossas dores, de nossas alegrias, de nossas conquistas. Falar de quem fomos e de quem estamos nos constituindo.

Para fugir das estatísticas que a nós são impostas, buscamos forjar novos caminhos, novas veredas e nesse processo de nos forjarmos um dos caminhos possíveis tem sido a educação superior, cultivado pelo desejo de buscar o melhor para nós e para aqueles/as ao nosso redor. O caminho a ser seguido foi ingressar na universidade pública que apesar dos obstáculos, vão conseguindo ocupar estes espaços que podem ser de todos/as.

Sobre o ingresso na universidade enquanto uma possibilidade de nos forjarmos, consideramos importante dizer que a mesma enquanto instituição social ainda está longe de cumprir seu papel, no sentido de acolhimento às diferenças, no entanto, precisamos reconhecer que o espaço acadêmico tem maior abertura de discussão e reflexão a tais questões, possibilitando espaços de fissuras e rompimentos com discursos globais e homogeneizantes.

2.1 Trajetórias sobre-vivências de mulheres-negras da roça na academia

Durante muito tempo, nós, mulheres que nascemos na roça, em certa medida nascíamos com um manual de vida a ser seguido, um ritual a ser cumprido, determinado pela sociedade, pela família, pela cultura e pela religião. Estudar quase nunca estava incluído nesses ritos, cabendo apenas às mulheres de famílias que tinham alguma posse. Historicamente a mulher ocupou um patamar inferior e sua educação era voltada às atividades domésticas (LOURO, 2014). Diante disso, na maioria das vezes as meninas negras da roça já nascem com essa perspectiva.

[...] minha família é bem tradicional (...) meus pais me criaram assim meio que pra casar, ter filhos cuidar da casa, aí até um certo tempo eu achava que a vida da mulher da roça se restringia a isso mesmo (...) que eu vou casar e vou ter filhos assim como minha família quer, como mãe prefere que seja. Por que tem que ser assim, ela foi criada nesse modo de que a gente é pra casar é pra ter filho, é pra cuidar da casa, da família. (CAMILA, 2022)

Sobre isso, ressaltamos que às mulheres da roça eram atribuídas ainda atividades ligadas ao plantio, aos cuidados dos animais, abastecimento de água dentre outras funções, dificultando ainda mais o acesso à escola. Muitas de nós ao concluir as etapas formativas da educação básica adentram no mercado de trabalho, sendo esse o caminho mais fácil para uma

melhor aquisição econômica, para outras o que cabe a elas é o casamento, cuidado da casa e a constituição de uma família.

Depois que eu terminei [o ensino médio] meu foco central era trabalhar por que a gente vinha ali da zona rural a gente cresce muito é na ordem de que a gente nasce, cresce, estuda e depois dos estudos a gente tem que trabalhar formar família e tal. E aí eu comecei a trabalhar, comecei ver a totalmente diferente e eu disse não, alguma coisa está errado (...) eu nunca pensei em fazer faculdade estava ali bem acomodada naquela rotina mesmo que a... sou do campo a vida que a gente vai ter no campo a gente sempre sabe que é complicada, a vida não vai ser fácil e que a gente tem que trabalhar e largar os estudos. E quando eu comecei a trabalhar eu vi a realidade muito diferente a gente fica ali como é que eu posso dizer ver coisas que a gente não está acostumado e a gente fica se questionando se aquele é o nosso lugar se a gente tem outras maneiras, outras possibilidades de mudar o foco, de mudar de vida. (CAMILA, 2022)

Para Camila como para tantas outras mulheres, a educação é vista como o guindaste para a melhoria de vida, a educação básica e pública bastante sucateada, na maioria das vezes trabalha para atender aos interesses das classes dominantes. Cabendo à educação superior pública tirar as vendas dos/as educandos/as fazendo com que estes/as desenvolvam o senso crítico passando a entender o modelo de sociedade a qual fazem parte. Diante disso, Joice (2022) traz um importante fragmento para uma reflexão necessária a partir da sua entrada na educação superior pública.

Essa entrada na universidade me fez abrir os olhos por conta que a UNEB, ela preza por um aluno que tenha o pensamento crítico, e esse pensamento crítico foi o que fez eu olhar a educação, tudo ao meu redor de maneira crítica, não aceitar tudo, tudo que a gente vive daquele jeito, não, tá bom! A gente tem que problematizar, e a partir dessa entrada foi que eu comecei a ver as coisas dessa forma. (JOICE, 2022)

Paulo Freire em seus escritos *Educação como prática de liberdade* (2022) e *Pedagogia da autonomia* (1996), já sinalizava que a educação se constituía enquanto instrumento potencializador para uma prática de liberdade e consequentemente uma ascensão intelectual, mas que alguns modelos de educação básica serviam apenas para “reforçar a dominação” (HOOKS, 2017, p.12). Devido a isso o direito à educação superior para muitos/as é negado. Sobre o direito à educação superior Josilma (2022) ressalta que, “você estar na roça tem uma visão [...] mas pra gente que tá na roça ter uma graduação é algo a mais,

acrescenta mais em nossa vida [...] a gente vai ter o olhar diferente, tudo o que a gente for trabalhar em nossa vida a gente consegue observar mais”.

Aqueles/as que conseguem adentrar a academia veem isso como uma forma de transformação, de busca por conhecimento e uma estabilidade financeira. A academia mais visivelmente nos permite entender que vivemos uma luta e exploração de classe, mas que ingressar na universidade pode ser um meio de vir mudar essa realidade. Em sua narrativa Camila (2022), nos contou sobre sua concepção em relação à universidade:

[...] potencialidades, eu posso dizer assim, que eu tenho e me tira mesmo me faz a sair da caixinha me instiga, isso me incentiva e aí eu vou mudando. Eu sempre fui apaixonada por livros, mas sempre foi aquela parte bem romântica e tal e agora eu passo a ler outras coisas e isso vai mudando o meu pensamento e eu acho que acredito que já mudei impactei na minha forma de pensar né e aí estou aqui como eu te disse a Camila agora que foi despertada quer sair. É... Mover o mundo e instigar pessoas. Eu quero mais pessoas aqui da roça. Na universidade é... adquirindo esse conhecimento que é necessário. (CAMILA, 2022)

A universidade pública muitas vezes se torna elitista, demarcando as dominações de poder, pois durante muito tempo aquelas pessoas que acessaram as universidades públicas eram de classes sociais mais favoráveis. Com o passar dos anos com a criação de políticas públicas educacionais, após o enfrentamento de movimentos sociais, permitiram que os/as jovens negros/as pobres, mulheres negras, mulheres da roça pudessem ter acesso à educação superior, a exemplo das cotas raciais, Portal Único de Acesso ao Ensino Superior – PROUNI, do Sistema de Seleção Unificado – SISU; Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e o cursinho preparatório para o vestibular Universidade Para Todos/as – UPT, se configurando em políticas reparatórias para categorias historicamente excluídas.

A educação superior se constitui como um elemento formador de opiniões e desperta a autonomia dos/as discentes, sendo assim por mais que tivessem tido esse direito negado por muito tempo, a ousadia e o desejo de mudar de vida, o desejo de estudar permitiram que esses espaços fossem preenchidos por nós mulheres negras e da roça.

A formação nos dar asas. A gente começa a voar [...] mulher não pode fazer isso, é mulher não pode estudar [...] a gente pode fazer o que quiser, [...] eu

posso sair eu posso chegar no outro dia, então a mulher ela tem que ser livre e fazer o que ela quer o que ela bem entender o que ela acha melhor para ela. (LAÍSE, 2022)

A universidade pública nos possibilita analisar o nosso modo de vida passando a questionar do por que as populações pobres são desprovidas de acesso à educação, saúde, cultura, lazer, moradia, vida digna. Esse processo formativo nos leva inevitavelmente a uma análise de conjuntura nos fazendo compreender que o projeto da sociedade dominante é desqualificar a educação pública, restringindo esse direito a poucos/as. Percebemos, portanto, que desde a Educação Básica o projeto de educação pensado, estruturado e instituído pela hegemonia capitalista é o de continuidade de dominação do/a opressor/a sobre os/as oprimido/as, todos/as nós, por meio de “um sistema marcado pela desigualdade e opressão” (FREIRE, 2022, p. 8), onde o código não anunciado é de nos matar por sermos pobres, mulheres, negros/as, da roça, da periferia, gays, lésbicas, transexuais, travestis, mas nós combinamos de não morrer

O ato de não morrer, conclamado por Conceição Evaristo (2015), pode ser traduzido em gestos de resistência em defesa da vida, uma política que se na/da própria existência, sendo notório o crescimento das desigualdades, das injustiças e das opressões sociais, do desmonte de políticas públicas direcionadas para as populações mais vulneráveis e marginalizadas, sobretudo, das vidas pretas e periféricas.

Entendemos, com isso que o “aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida” (FREIRE, 2022, p. 11), por todos/as nós que fomos afetados/as, de maneira direta, no entanto, essa formação de consciência de que fala Paulo Freire, que deveria se dá em todo processo escolar, muitas vezes só se efetiva quando ingressamos na universidade. Só então, muitas vezes de maneira tardia, é que acontece essa “tomada de consciência”, por meio do empoderamento enquanto mulher-negra da roça.

O combinado de não morrermos e essa tomada de consciência é perceptível num dos excertos da narrativa de Laíse (2022):

É falar para outras mulheres: a gente pode, a gente consegue! O caminho muitas vezes não é fácil isso é fato, mas a gente consegue, a gente tem que lutar por isso, a gente tem que ir mostrar, nos fazer presente e gritar que nós

somos mulheres, somos da roça, somos negras e que a gente tem direitos e a gente tem que entrar na universidade e ser representada dentro desses espaços [...], então a mulher da roça, negra não é só entrar na universidade, ela tem que garantir seu espaço dentro da universidade, vivenciar e isso é muito importante [...] e mostrar mesmo para outras mulheres que o espaço é nosso e a gente tem que adentrar. A gente tem que entrar na universidade e vamos dizer para que viemos [...]. Corpos negros, corpos femininos estão nesses espaços. (LAÍSE, 2022)

O acesso à educação está longe de ser uma tarefa fácil e um direito assegurado às populações historicamente excluídas. No entanto, é importante ressaltar que para as mulheres negras essa tem se configurado em uma tarefa ainda mais difícil, especialmente se analisarmos a partir de alguns entrecruzamentos, como: gênero, raça, território, classe, orientação sexual, dentre outros.

Sobre isso, a narrativa de Laíse elucida a necessidade de criarmos fissuras, romper com ordem vigente, exigindo de nós o dobro do que comumente é exigido aos homens e mulheres brancos/as, nos colocando num lugar de permanente luta, ou conforme sinaliza Bell Hooks (2017, p. 69) “de uma revolução da vida cotidiana” (HOOKS, 2017, p.69), anunciando “para que viemos”, saindo de lugares invisíveis a nós atribuídos e gritar: “Corpos negros, corpos femininos estão nesses espaços” e vamos permanecer.

34

De acordo com Sueli Carneiro (2020), a partir de pesquisa sobre mulheres negras nas universidades, os dados exemplificam a disparidade racial com o atravessamento de gênero na entrada e permanência em um curso de graduação, como consequência da escravidão que relegou a nós mulheres negras as ocupações e afazeres economicamente subalternizados, vinculados aos espaços domésticos.

Sobre isso, é importante ressaltar que num passado, não muito distante, meninas negras, da roça eram “trazidas” para a cidade com promessas de continuar os estudos, quando na verdade a maioria delas viviam em situação análoga à escravidão, vivendo de “favor” na casa dos/as patrões/as, vivendo em permanente situação de humilhação, tendo seus corpos inferiorizados e extorquidos de suas características humanas.

Lélia Gonzalez (1984), salienta que essa relação esta/va calcada nas categorias colonizadoras destinadas às mulheres negras: a “mulata” e a doméstica, denominações ligadas

à hipersexualização e à servidão. Tais estereótipos ainda hoje (de)limitam as nossas possibilidades e valorização intelectual, enquanto mulheres negras. Compreendemos, portanto, que as vozes ressignificadas a partir das narrativas analisadas nesta pesquisa tratam de ancestralidade e respeito às vivências de mulheres-negras da roça. Assim, discorrer a partir das nossas sobre-vivências, praticando nossas escrevivências, por meio do reconhecimento da nossa escrita na relação intrínseca com nossas vivências (EVARISTO, 2017), reforçamos nosso comprometimento intelectual e político no embate às antigas e conservadoras normas científicas, pautadas na perspectiva eurocêntrica de produção do conhecimento, mesmo reconhecendo que esse não é um caminho fácil.

3. ESCRIVIVÊNCIAS DE EMPODERAMENTO ACADÊMICO DE MULHERES-NEGRAS DA ROÇA: “ME SENTI EMPODERADA QUANDO PERCEBI QUE POSSO TER VOZ”

35

*A educação
vai me dando propriedade de conhecer
e ter propriedade de falar
e de me posicionar
e me sentir segura
no meu posicionamento.
Laíse Nascimento (2022)*

Ser mulher, negra e da roça no Brasil, considerando os impactos referentes às estruturas racistas, patriarcais, machistas, sexistas, territoriais e culturais pressupõe necessariamente viver em permanente estágio de constituição, considerando que tal ótica acaba por nos delegar a condição de subalternidade e de objetificação. Nesse sentido, é possível dizer que tais estruturas ficam ainda mais evidentes à medida em que as mulheres-negras adentram espaços historicamente, de maioria branca, como por exemplo as universidades, que se constitui enquanto espaços que acabam por privilegiar o conhecimento pautada na perspectiva eurocêntrica e, portanto, do embranquecimento, em detrimento do apagamento de outras identidades, como por exemplo, das mulheres-negras.

Assim, é possível dizer que no meu processo de constituição identitária, a partir das intersecções de gênero, raça e território, tem sido perceptível as desigualdades nos processos educativos desde a mais tenra idade, com a ausência de representatividade de mulheres, de negros/as nos livros didáticos, nas histórias contadas, nas brincadeiras e nas datas comemorativas. Na universidade “A subordinação sexista na vida intelectual negra continua obscuro a desvalorizar a obra das intelectuais negras” (HOOKS, 1995, p.467). Sendo possível tal aproximação com uma literatura feminista decolonial apenas por parte de alguns/mas professores/as.

Em sua narrativa Laíse (2022), argumenta que a universidade é um espaço de crescimento pessoal, intelectual e profissional, no entanto, acaba se calando diante de questões que deveriam ser mais problematizadas. Ao falar sobre ser mulher-negra, universitária e da roça ela salientou: “[...] ainda é uma problemática que muitas a universidade silencia. A gente vem traçando caminhos que enfatizam essas questões, mas acredito que ainda está no início e que precisa falar mais.”. A partir da narrativa de Laíse, penso ser necessário elucidar que não podemos deixar de considerar o fato de que os conteúdos, paradigmas e teorias problematizadas no espaço acadêmica é sempre um recorte epistemológico do/a professor/a a partir de suas filiações epistemológicas e sobre isso Bell Hooks (1995), pontua que a universidade ainda é um espaço de privilégio marcadamente branco, tanto no que se refere aos/a estudantes, quanto aos/as professores/as, por isso dificilmente as intelectuais negras são recomendadas como referências.

Não podemos nos desvencilhar ainda do fato de que os processos educacionais perpassam pelas subjetividades do indivíduo (LOURO, 2014; RIOS, 2022). Tão logo, a existência de uma não representação negra em tais processos é um resultado do silenciamento imposto a nós mulheres-negras, sob a égide de um não lugar de fala, ou um não saber falar por sermos da roça.

No entanto, as narrativas sinalizaram que nós mulheres-negras da roça nas últimas décadas estamos rompendo um ciclo de silenciamento historicamente imposto. Nesse sentido, Laíse (2022), argumenta: “A universidade se tornou esse empoderamento, que eu busco ser

mais, eu acho que estou no início dessa trajetória de empoderamento, mas que tem mudado bastante então tenho tratado isso enquanto mulher da roça”.

Joice Berth (2020) no seu livro empoderamento ao fazer um breve histórico do significado da palavra empoderar diz que significa dar poder, habilidade ou capacitar a alguém para que venha a ganhar liberdade e poder fazer o que quer, sendo importante conscientizar grupos oprimidos para que conquistassem sua autonomia.

Sendo assim, o empoderamento das mulheres negras foi conquistado depois de muitas lutas, discussões e reflexões de movimentos feministas, “com a necessidade de empoderar grupos minoritários” (BERTH, 2020, p. 19). Muitos desses grupos minoritários, em especial as mulheres-negras da roça, viram na academia um mecanismo para conquistar esse empoderamento. De conseguir se colocar em determinadas situações e de ter uma opinião formada (JOSILMA, 2022).

A academia se tornou o espaço onde nós buscamos esse empoderamento, onde construímos o caminho pelos quais desejamos seguir. Sobre isso Laíse (2022), nos conta de que forma concebe o empoderamento em sua vida:

Hoje eu quero isso e vou em busca disso. Se amanhã eu mudar de ideia... então é não fazer com que as pessoas decidam por mim [...], vai muito em questão disso mesmo. E isso a formação, a educação vai me dando propriedade de conhecer e ter propriedade de falar e de me posicionar e sentir segura no meu posicionamento. (LAÍSE, 2022)

A segurança que Laíse coloca é ter propriedade do que realmente se busca e uma auto-aceitação e de que não deve se colocar em espaços subjugados. É interessante perceber em sua narrativa o quanto, a partir de sua trajetória acadêmica tem se constituído numa mulher, que se reconhece enquanto negra e da roça, inclusive ressaltando a importância da necessidade de mobilizar outras mulheres, por meio da auto-aceitação. Sobre o empoderamento Joice Berth (2020, p. 21), argumenta que o empoderamento:

Seria estimular em algum nível, a auto-aceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente, para que possa devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e ainda de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou

poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2020, p.21)

A conquista do empoderamento para muitas de nós se dá dentro dos espaços acadêmicos, pois para aquelas que ao longo da história foram invisibilizadas, não se tem o interesse em mostrar qual de fato é o nosso espaço na sociedade, pois aqueles/as que detém de benefícios com o obscurantismo das mulheres não querem que de fato nos empoderarmos, para conquistar nosso espaço:

[...] os processos de empoderamento, embora possam receber estímulos externos diversos na academia, das artes, da política, da psicologia, das vivências cotidianas etc., são uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista. (BERTH, 2020, p.25)

A universidade pública tem como uma das visões desenvolver estratégias emancipatórias dos/as estudantes a partir das suas mais diversas realidades, e dentro disso nos encontramos, na condição de mulheres, que durante as reflexões compreendemos que o nosso lugar nunca foi o da subalternidade e nem o da subserviência, mas sim o de protagonismo, pois podemos decidir por nós mesmas.

Ao longo da história temos ocupado um lugar que nos foi destinado, com o intuito de manutenção do poder e de regalias, estes lugares não foram escolhidos por nós mulheres. O empoderamento então surge como um descortinar-se para que possamos vislumbrar nossas potencialidades. Sobre isso Camila (2022), ressalta:

Eu digo que me senti empoderada quando percebi que posso ter voz, eu me sinto no direito de não pensar da forma que os outros querem que eu seja, que eu pense, eu já penso diferente sou crítica o tempo todo e aí eu percebo que as coisas vão mudando, pra mim isso já é uma parte de me sentir empoderada. (CAMILA, 2022)

O empoderamento nos mostra que devemos ocupar os espaços que nós desejarmos dentro da sociedade e não aceitar menos do que os/as outros/as apenas por sermos mulheres, negra e da roça. Para nós mulheres negras, que ao longo do tempo fomos mais privadas do que as mulheres brancas, para muitas de nós o empoderamento também foi uma libertação física e psicológica. Pois “pensar no empoderamento como conjuntos de estratégias

necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e com articulações políticas de dominação que essas condições representam” (BERTH, 2020, p.51), se faz necessário, sendo que “nenhum outro grupo necessita mais precisamente desses processos e sua aplicabilidade quanto as mulheres negras” (BERTH, 2020, p.70).

Com isso para nós mulheres-negras, da roça, assegurarmos nosso espaço nas distintas instituições sociais, dentre elas a universidade, já se constitui como um empoderamento, pois buscamos ocupar espaços que para nós foram negados.

Quando a gente olha pra trás e vê as lutas, as dificuldades e a gente diz consegui! De certa forma pra a gente já é um empoderamento de tá ali naquele ambiente, de que todos ali de certa forma passaram por situações iguais, mesmos que diferentes tem a história de vida parecida com a sua a gente já se sente empoderada, se sente um vencedor de certa forma. (JOICE, 2022)

Assim, como Berth, diz ao trazer os conceitos de empoderamento como uma prática libertadora e quando Paulo Freire fala que a educação liberta e faz com que se desenvolva a autonomia “é importante perceber a importância do conhecimento como prática contra-hegemônica para resistir as estratégias de colonização” (BERTH, 2020, p.99). A educação é a mais poderosa arma para lutar contra todos os sistemas de dominação e opressão.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE-VIVÊNCIAS

Carrego comigo fortes traços da ancestralidade africana. Sou negra! No entanto, é preciso dizer que reconhecer-se enquanto mulher-negra da roça pressupõe muitas vezes escolher entre caminhos longos e veredas, aqueles que tracei na minha infância e passo a reconhecer que terei que continuar escolhendo, com o intuito de criar fissuras em uma realidade imposta a mim e a tantas mulheres negras, nos fazendo negar, silenciar e esconder o que somos de fato.

Ouvir as histórias de outras mulheres que se assemelham às histórias das minhas ancestrais, se constituindo, portanto, na minha própria história, me fez refletir que os direitos

não foram negados somente a mim, mas a todas aquelas que têm uma realidade semelhante. Por diversas vezes, ao ouvir os relatos das colaboradoras a emoção era nítida, pois suas histórias se entrecruzam com minhas histórias, se configurando numa linha tênue entre o que era apenas a história delas, o que era minha história e o que constituía nossa história enquanto mulheres-negras, da roça e universitárias. As memórias delas fizeram com que eu me visse dentro destas mesmas histórias. Ter a certeza de que é necessário ouvir as vozes destas mulheres foi muito significativo, pois estamos buscando ocupar nossos espaços na sociedade e ouvir as histórias que foram historicamente silenciadas, como é o caso das nossas histórias, se faz necessário.

Discorrer acerca de nossas sobre-vivências com o intuito de vislumbrar novas perspectivas, de nos reconhecermos enquanto universitárias, mulheres, negras e da roça. Um olhar superficial poderia nos levar a pensar que essa é uma narrativa de pouca ou quase nenhuma significância, no entanto, posso assegurar que para nós, elucidar nossas trajetórias é assegurar o direito a voz e a escrevivência a partir das sobre-vivências de outras mulheres negras.

40

Diante do que foi analisado e discutido percebemos que as trajetórias das mulheres negras e da roça foram marcadas pelo silenciamento e pela invisibilidade social, onde estas com muitas lutas e reflexões começaram a buscar seu espaço enquanto sujeitos partícipes de sua própria história. Romper com um ciclo de silenciamento não pressupõe tarefa fácil, no entanto é necessário salientar que essa é uma tarefa ainda mais árdua quando nos propomos a romper com o silenciamento imposto a nós, mulheres-negras da roça.

Durante as narrativas ficou perceptível que quando nascemos nosso “destino” já foi traçado pela família, pela sociedade e pela cultura, calcada em uma visão de que o que se tem por certo, quando se é negra, da roça é que a educação, sobretudo a superior não está dentro de suas possibilidades. Nos colocando em um lugar de negação de direitos. Essa concepção foi elucidada por todas as colaboradoras.

Para fugir destas estatísticas muitas de nós vislumbramos no desejo e na vontade de mudar de vida uma inspiração para continuar estudando, para buscar meios e possibilidades de não ser mais uma nas estatísticas da sociedade. Para muitas de nós, negras da roça, a

educação superior foi o alicerce necessário para um empoderamento e uma ascensão intelectual, sobretudo passando a compreender o modelo de sociedade a qual estão inseridas, podendo mudar a realidade de seu entorno.

A educação enquanto prática de liberdade e aquisição da autonomia é vista pelos/as detentores/as do poder como uma perda de privilégios, com isso tem nas mãos uma forma de desqualificar a educação para uma manutenção da opressão fazendo com que o acesso a educação seja a educação básica, fundamental ou superior limitada, aqueles/as que até conseguem adentrar uma instituição pública muitas vezes não conseguem se manter, sendo necessário escolher entre continuar a estudar ou trabalhar para a sobrevivência.

Algumas universidades dispõem de políticas públicas para que estudantes das classes populares tenham a possibilidade de adentrar na universidade, garantir sua permanência na instituição até a conclusão do curso, mas a garantia desse direito não é suficiente quando nos referimos às mulheres da roça, uma vez temos que nos deslocar todos os dias de nossas casas no interior dos municípios para conseguir estar dentro desses espaços que foram por muito tempo a nós negados.

41

Para assegurarmos o direito de frequentar esses espaços os desafios diários são imensos, mas o desejo de melhorar nossa realidade é maior que as dificuldades. Nesse sentido, o empoderamento se constitui como fator importante, pois é uma ferramenta importantíssima para que as mulheres possam compreender e analisar o seu espaço na sociedade.

É necessário que mais mulheres, da roça, negras possam adentrar a universidade, enquanto instituição democrática e por terem o direito à educação assegurado na Constituição Federal, pois apesar de muitas poderem estar dentro desses espaços, para outras tantas mulheres esse direito não foi assegurado, onde muitas meninas, mulheres, negras da roça não puderam estar dentro desses espaços.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CANETTI, Elías. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CRUZ, Adriely Garcia; RIOS, Pedro Paulo Souza. Tessituras do fazer pedagógico: contribuições do estágio enquanto primeira experiência docente. In: RIOS, Pedro Paulo Souza (org). **Tecendo reflexões sobre pesquisa em educação e prática pedagógica no semiárido**. Curitiba, CRV, 2022.

EVARISTO, Conceição. **A gente combinamos de não morrer**. In.: Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 52.ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.). **Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos**. Brasília: Anpocs (Ciências Sociais Hoje, 2), 1984, p. 223-244. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais-hoje>. Acesso em: 28 Out. 2022.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**. Santa Catarina. ano 3, v. 3, n. 2, p. 464- 478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 28 Out. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Entre a roça e a cidade: identidades, discursos e saberes na escola**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008. 283f. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11124/1/Jane%20Rios%20parte%201.pdf>. Acesso em: 24 Out. 2022.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **Da terra seca brota uma flor: relações de gênero e educação no contexto Semiárido**. Curitiba: CRV, 2016.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **O estranho que habita em mim: subjetivações de gênero na educação**. Curitiba, CRV, 2022.

Submetido: 13/01/2023

Aprovado: 20/07/2023

43
